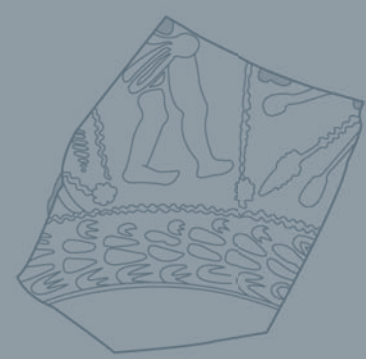
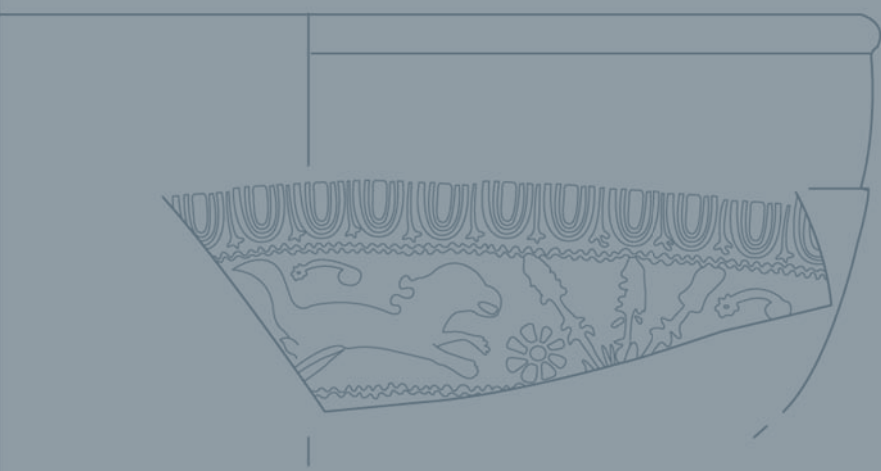
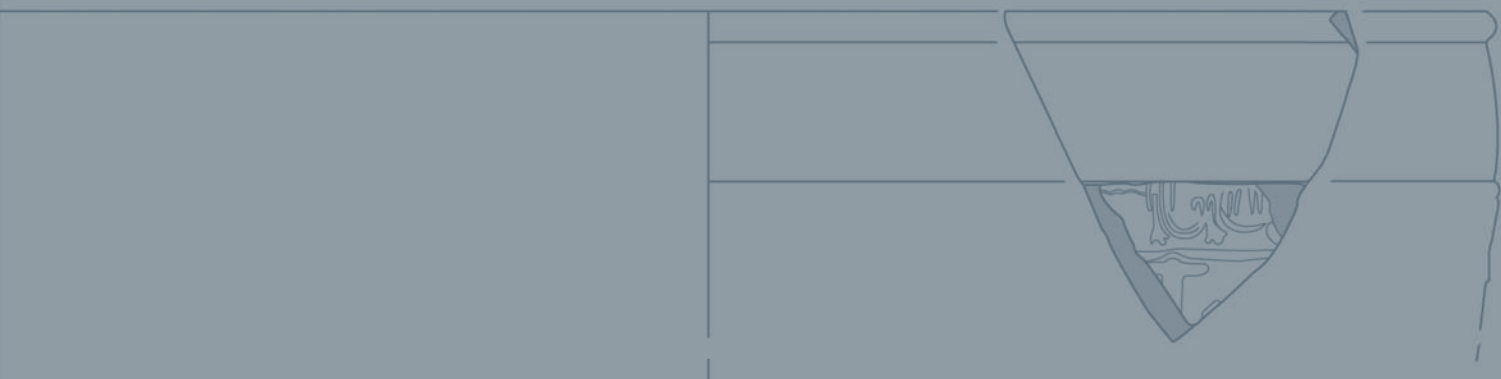


XELB 10

Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve
Silves - 22, 23 e 24 Outubro 2009





○ FLV CCEI



XIII.

Pedras d'el Rei (Tavira): *villa* suburbana de *Balsa*.

Catarina Viegas *

Tânia Dinis **

Resumo

O sítio de Pedras d'el Rei encontra-se referenciado no Roman Portugal de J. de Alarcão como detendo “mosaicos, termas, vestígios de um cais (blocos de *opus signinum*) e vestígios de uma necrópole de inumação” (Alarcão, 1988:208) e na Carta Arqueológica de Portugal menciona-se, além da existência de várias estruturas, que a zona se encontra actualmente urbanizada (Marques *et al.*, 1995:157).

O sítio foi identificado no séc. XIX, por Estácio da Veiga, na sequência dos trabalhos relacionados com a Carta Arqueológica do Algarve. A necrópole foi objecto de intervenções pontuais nos anos 50 do séc. XX, altura em que Abel Viana identificou um conjunto de sepulturas parcialmente destruídas. Nos anos 80 desse mesmo século realizou-se novamente uma intervenção por parte de M. e M. Maia, encontrando-se os materiais arqueológicos então recuperados em Tavira e no Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Uniarq). No âmbito do projecto que estuda o “Povoamento e economia do Algarve Central e Oriental no período romano” (PNTA 2004) procedeu-se ao inventário e estudo destes materiais tendo-se contado com o apoio da Câmara Municipal de Tavira e do IPM através da Rede Portuguesa de Museus. Neste projecto procurou-se caracterizar o consumo de produtos manufacturados como a cerâmica e os produtos alimentares transportados em ânforas neste sítio e comparar os dados obtidos com os de núcleos urbanos do Algarve central e oriental.

Abstract

The Roman site of Pedras d'el Rei is mentioned in Alarcão “Roman Portugal” as having mosaics, bath house, and the remains of a port (*opus signinum* blocs) and the remains of a necropolis (Alarcão, 1988:208) and in the “Carta Arqueológica de Portugal” several structures are referred and also that the area was urbanized (Marques *et al.*, 1995: 157).

The site was firstly identified by Estácio da Veiga during the project of the “Carta Arqueológica do Algarve”. The *necropolis* was excavated in the 1950's, when Abel Viana identified several tombs that were partially destroyed. In 1980 other excavations took place directed by M. and M. Maia and the archaeological remains that were recovered were deposited in the University of Lisbon Archaeological Unit (UNIARQ) and in Tavira. The study of the ceramics from the site was done during the activities developed by the Project “Povoamento e economia do Algarve Central e Oriental no período romano” (PNTA 2004) and had the support of the Municipality of Tavira and IPM (Rede Portuguesa de Museus). In this study we tried to characterize the consumption pattern of fine both fine wares and foodstuff transported in amphoras and to compare them with the data available from other urban sites in central and eastern Algarve.

* UNIARQ, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

** Arqueóloga (tânia_diniz@hotmail.com)

Introdução

O sítio romano que foi identificado no séc. XIX, na sequência dos trabalhos de Estácio da Veiga relacionados com a Carta Arqueológica do Algarve, foi objecto de intervenções pontuais nos anos 50 do séc. XX, altura em que Abel Viana identificou sepulturas pertencentes a uma necrópole e, posteriormente, nos anos 80 desse mesmo século realizou-se novamente uma intervenção por parte de M. e M. Maia. Destes últimos trabalhos resultaram materiais arqueológicos que se encontravam em Tavira e no Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Uniarq). No âmbito do projecto que estuda o “Povoamento e economia do Algarve Central e Oriental no período romano” (PNTA 2004), procedeu-se ao inventário e estudo destes materiais, procurando integrar tipológica e cronologicamente as diferentes categorias cerâmicas identificadas, de forma a caracterizar, neste sítio, o consumo de produtos manufacturados como a cerâmica e os produtos alimentares transportados em ânforas.

Referenciado no “Roman Portugal” de J. de Alarcão como detendo “mosaicos, termas, vestígios de um cais (blocos de *opus signinum*) e vestígios de uma necrópole de inumação” (Alarcão, 1988:208), Pedras d’el Rei surge igualmente na “Carta Arqueológica de Portugal”, indicando-se a existência de várias estruturas e que a zona se encontra actualmente urbanizada (Marques *et al.*, 1995:157). Na base de dados Endovélico, o sítio corresponde ao CNS 7585, indicando-se a “Presença de uma necrópole de inumação, de um cais, de termas e de mosaicos. Próximo do cais foram encontrados restos de uma construção que

se pensa ser um forno”, referindo-se, por fim, que na propeção de 1994, com vista à realização da Carta arqueológica, já não se detectaram quaisquer vestígios.

Nos anos mais recentes, existe notícia de um acompanhamento das obras de Saneamento Multimunicipal do Algarve realizado pela Empresa Nova Arqueologia, na área de Pedras d’el Rei, tendo sido identificada uma sepultura e um tanque de salga.

Identificação do sítio e trabalhos pioneiros: Estácio da Veiga e Pedras d’el Rei

Foi na sequência dos trabalhos realizados no âmbito da carta Arqueológica do Algarve, nos finais do séc. XIX, que Estácio da Veiga identificou o sítio romano de Pedras d’el Rei, tendo reconhecido uma série de construções e recolhido algum espólio, hoje depositado no MNA.

Como sabemos, o volume V das Antiguidade Monumentais do Algarve de Estácio da Veiga, dedicado aos sítios romanos não pôde ser concluído e foi a sua descendente, M.L.E. V Santos, que sistematizou algumas das informações por ele recolhidas. Assim, a autora da “Arqueologia Romana do Algarve” refere que se trata de uma estação arqueológica “ainda abrangida na região balsense”, apontando os compartimentos como pertencendo, possivelmente, a um balneário. Refere ainda que “Há também vestígios de um cais, reduzidos a grandes blocos de *opus signinum*” existentes na margem da ria que desde Faro chega até Cacela” (Santos, 1972:307).

Entre os materiais recolhidos por Estácio da Veiga com o objectivo de integrarem o espólio do Museu do Algarve, que constam do “Inventário do Museu Archeologico do Algarve de 1883” (Santos, 1972, Apêndice documental) e que foram incorporados nos depósitos do Museu Nacional de Arqueologia, encontram-se quatro fragmentos pertencentes a um pavimentos de mosaico, além de um delfim de bronze e uma lucerna igualmente de metal.

Quanto ao mosaico de que se conservam quatro fragmentos no MNA, e como já se referiu noutra local (em colaboração com Cristina Oliveira), a decoração dos octógonos com peixes e a bordadura formada por ornatos de folha de vinha são elementos importantes que levam a propôr

a hipótese de se tratar de uma representação de *xenia*, com uma clara alusão ao vinho e que se poderia situar no *triclinium* da *villa* (Nogales, 2003: 265, nº 88 ; Oliveira e Viegas, no prelo).

Em 1952, no artigo intitulado “Balsa y la Necropolis romana de as Pedras d'el Rei”, Abel Viana apresenta alguns dados relacionados com a zona da necrópole de Pedras del Rei (Viana, 1952:261-285). Grande parte deste trabalho resume os dados disponíveis sobre o sítio de *Balsa*, listando algum do espólio mais emblemático conhecido, assim como a epigrafia, também proveniente de Balsa e das Antas, e que se encontrava no MNA. Na descrição que faz dos materiais da cidade romana, ocupa-se também dos conjuntos que se encontram no Museu de Faro, que inventaria e descreve, e refere os materiais que Leite de Vasconcelos, Mendes Correia e Teixeira de Aragão identificaram (Viana, 1952). A. Viana destaca a importância que as colecções do Museu do Algarve tiveram na constituição do próprio Museu Nacional de Arqueologia, aproveitando também para tecer algumas considerações acerca da evolução da *Ossonoba* e do povoamento romano de costa algarvia.

Na realidade, no conjunto são relativamente escassos os dados novos sobre a necrópole de Pedras d'el Rei, mostrando-se algumas imagens sobre a plataforma onde foi identificada a necrópole e a reconstituição de uma sepultura (Viana, 1952, Fig. II- 1 e 2, III- 3 a 7 e IV -8 a 10).

É ainda assinalada a presença de blocos de *opus signinum* junto à ria, assim como restos de construções que podem ter correspondido a um forno. Os materiais de construção, *tegula* e *imbrices*, são visíveis à superfície e a evidência para a existência de um edifício termal é dada pela presença de telhas curvas de maior dimensão, normalmente relacionadas com a construção do sistema de hipocausto para as *suspensurae* dos *caldaria* (Viana, 1952: 281).

Difícil de localizar actualmente, a necrópole surgira na sequência da plantação de um laranjal, e, quando Abel Viana visita o local, já muitas sepulturas tinham sido violadas. Das que observou, sabe-se que seriam construídas com *lateres* e que apresentavam duas variantes no que diz respeito à cobertura: com *tegulae* colocadas na horizontal ou a formar telhados de duas águas (Viana, 1952: 281-282).

Segundo A. Viana, a cronologia da necrópole

pode ser aferida através dos materiais recolhidos pelo proprietário do terreno, concretamente por um conjunto de moedas do séc. I. Ambos tipos de sepultura identificados têm paralelo em inúmeros sítios do Alentejo e Algarve, designadamente em Faro, no que hoje se considera ser a necrópole principal da cidade antiga, em Balsa, em Lagos e no Molião.

A intervenção dos anos 80

Em 1980, M. e M. Maia realizaram um conjunto de sondagens no sítio de Pedras d'el Rei. Desses trabalhos não nos foi possível obter o relatório, existindo apenas um levantamento topográfico, onde se localizam os sectores escavados e as ruínas identificadas (**Figura 2**). Parte das cerâmicas recolhidas nessa escavação encontrava-se no Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, (UNIARQ) estando as peças marcadas com a sigla PR/80 (Pedras d'el Rei/ 1980), seguida de outros algarismos, cujo significado é hoje difícil de entender. Durante o ano de 2004, obtivemos informação da Dra Sandra Cavaco de que existiriam mais contentores na ermida de S. Roque em Tavira, contentores esses que foram recolhidos para a Reserva Municipal daquela cidade. Posteriormente, procedeu-se à lavagem, marcação, classificação e inventariação das cerâmicas. Relativamente a estas peças, a informação de que dispúnhamos acerca da sua proveniência era escassa e resultava da leitura das etiquetas que acompanhavam os sacos com o material recolhido em Tavira. Apesar destas limitações, a informação que estas mesmas cerâmicas podiam revelar acerca do consumo desta *villa* levou-nos a encarar o seu estudo.

Quando se iniciou a pesquisa acerca de diversos conjuntos cerâmicos do território algarvio, no âmbito do PNTA “Povoamento e economia do Algarve Central e Oriental no período romano” (PNTA 2004) procedeu-se ao inventário e classificação destes materiais (Projecto da Rede Portuguesa de Museus com a Câmara de Tavira). Trata-se de um conjunto diversificado de cerâmicas (*terra sigillata*, paredes finas, ânforas, cerâmica comum de proveniência local, regional e importada), cuja classificação e estudo poderia dar-nos uma nova perspectiva acerca do consumo de produtos alimentares transportados em ânforas e de cerâmicas, nesta *villa* do território da *civitas* de *Balsa*.

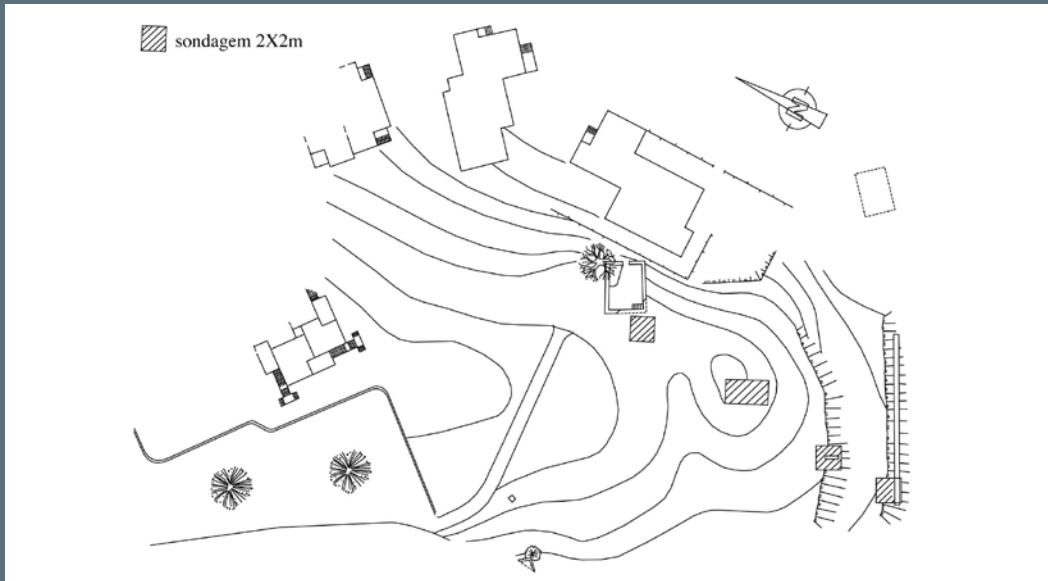


Fig. 2 - Planta parcial de Pedras d'el Rei com a localização das sondagens, segundo GAT Tavira, (1980, adaptado).

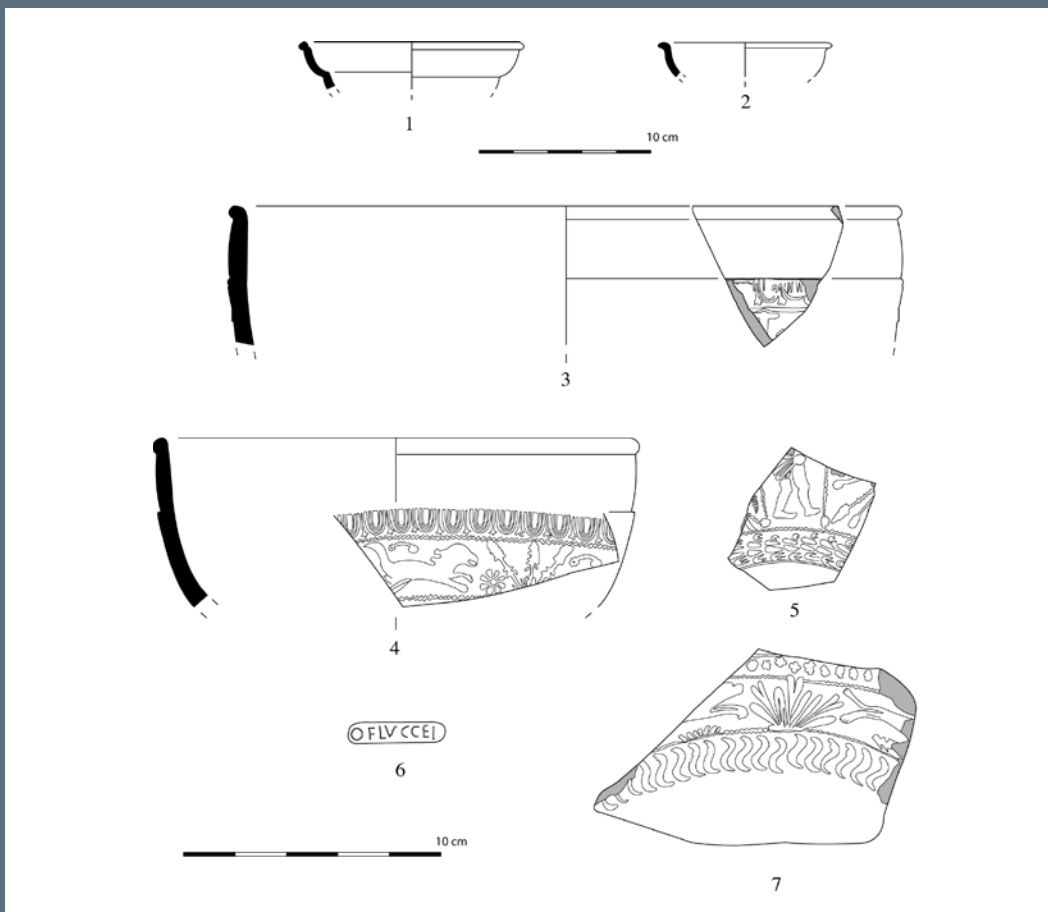


Fig. 3 - Terra sigillata sudgálica de Pedras d'el Rei. Formas lisas escala 1:3, formas decoradas escala 1:2 e marca de oleiro escala 1:1.

O estudo dos materiais da intervenção de 1980/âmbito cronológico da ocupação

Tanto quanto se pode depreender através da análise da informação contida nas etiquetas foram escavados vários sectores com diversos quadrados. No sector 1, existe referência aos quadrados 2A, 2B, 3B e a área das escadas, indicando-se que a camada superficial “foi retirada à máquina do interior da piscina”. Para o sector 2 menciona-se 1A, 2B, 4F e 4I; no sector 3, indica-se a sondagem 1 e ainda se refere no sector 5, a sondagem 2.

O âmbito cronológico da ocupação

De acordo com o espólio recolhido, o sítio de Pedras d'el Rei teve uma ocupação que se prolongou desde meados do séc. I até ao séc. V. Estes limites cronológicos foram obtidos através da presença de *terra sigillata* de tipo itálico, de que apenas se conservaram fragmentos de forma indeterminável. Quanto ao momento final da ocupação, a presença de *sigillata* clara D da forma Hayes 67 coloca este momento na segunda metade do séc. IV, até ao terceiro quartel do séc. V - 360-470) (Hayes, 1972).

A presença de *sigillata* foecense tardia, da forma Hayes 3 que está datada entre meados do séc. V e meados do séc. VI poderá prolongar a ocupação do sítio até essa data, embora não se encontrem no sítio quaisquer exemplares de *sigillata* clara D que documentem uma ocupação tão tardia.

A *terra sigillata*

A *terra sigillata* encontra-se representada por 537 fragmentos, que correspondem a 112 indivíduos. Sendo significativa, a amostra estudada não é muito numerosa, mas permite retirar algumas conclusões acerca do padrão de consumo desta *villa*. (**Tabela 1**)

A *sigillata* de tipo itálico encontra-se representada por escassos fragmentos que não permitem determinar a sua forma ou precisar a sua cronologia.

Entre a *terra sigillata* alto imperial, domina a sudgálica (**Figura 3**) sendo o leque de formas constituído pelos tipos mais comuns, as taças Drag. 24/25 e 27 e os pratos Drag. 18 e 15/17. Estas formas são representativas das importações de *terra sigillata* da segunda metade do séc. I e a presença das formas Drag. 35/36 e a forma decorada Drag. 37 remete para o prolongar dessas importações nas últimas décadas do séc. I. Do total de fragmentos

Tabela 1 – Distribuição das formas de *terra sigillata* de Pedras d'el Rei (nº Frag. e NMI).

	Nº frag	Formas	NMI	%NMI	
TSI	13				
TSS	94	Drag. 24/25	4		
		Drag. 15/17	1		
		Drag. 27	5		
		Drag. 18	4		
		Drag. 35/36	2		
		Drag. 37	4	20	17.9
TSH	137	Drag. 24/25	1		
		Drag. 15/17	18		
		Drag. 27	3		
		Forma 83	1	23	
TSH Peñ	5	Pratos	3	3	23.2
TSCIA	19	Hayes 8A	1		
		Hayes 9A			
		Hayes 14/17	7		
A/D		Hayes 31	1	9	8
TSCIC	33	Hayes 50	11		
		Hayes 52	1	13	10.7
TSCID	223	Hayes 58	4		
		Hayes 59	7		
		Hayes 59A	3		
		Hayes 59B	2		
		Hayes 60	1		
		Hayes 61A	13		
		Hayes 67	8		
		Hayes 77 (?)	1	39	34.8
TSLuz	11	Lamb. 1/3	3		
		Forma fechada	1	4	3.6
TSFoc	2	Hayes 3	2	2	1.8
TOTAL	537		112	112	100

sudgálicos, apenas um é marmoreado.

Entre os exemplares sudgálicos, encontra-se uma marca de oleiro onde se pode ler OF LUCCEI, que corresponde a Lucceius i de La Graufesenque (**nº 6**) (Polak, 2000, p. 254), oleiro cuja maior parte da produção terá ocorrido entre os anos de 50-70 d.C., podendo ter-se prolongado até à primeira década do séc. II, como parece atestar a mais recente investigação neste centro produtor da Gália (Genin, Schenk-David, 2007: 215). Apesar de se tratar de um reduzido fragmento do fundo de um prato de forma indeterminada, conserva verniz de boa qualidade e mantém o brilho característico das fases de maior esplendor de La Graufesenque.

Os fragmentos decorados de *sigillata* sudgálica mostram motivos e composições relativamente

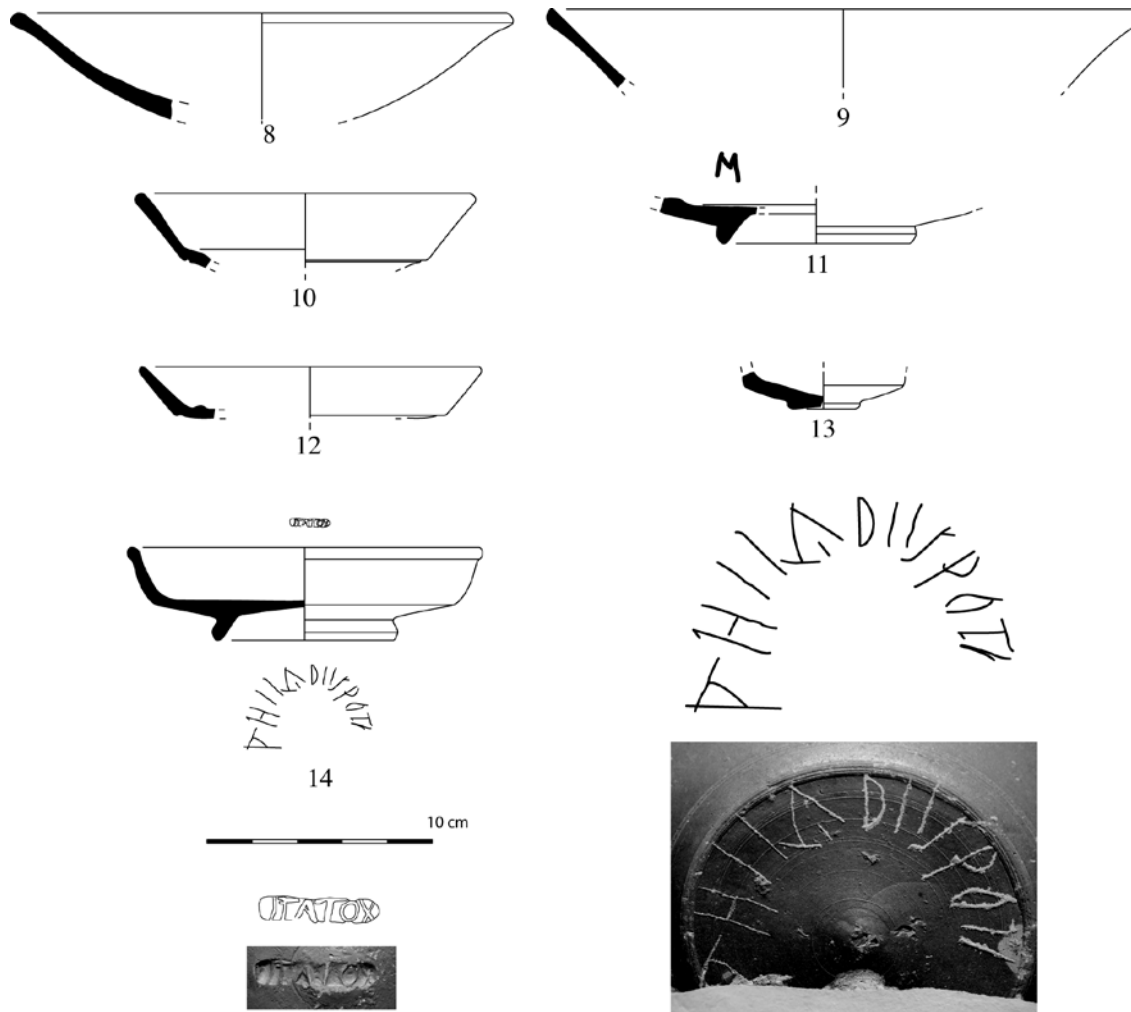


Fig. 4 - Terra sigillata hispânica tipo Peñafior (8) e hispânica de Trício e Andújar (9-13). Escala 1:3, Marca de oleiro e grafito, escala 1:1.

comuns e já conhecidos em outros sítios do território hoje algarvio, utilizados na fase mais tardia da produção, nas últimas décadas do séc. I d.C.

Um bordo de Drag. 37 (nº 4) ostenta uma linha de óvulos duplos com lingueta de extremidade tripla, e, sob a linha ondulada, observa-se o que poderá corresponder a uma composição metopada, em que um dos painéis possui um leão que se desloca para a direita, estando limitado à direita por uma cruz de Santo André. Entre o leão e a cruz encontra-se uma flor de oito pétalas. Trata-se de um exemplar que se poderá integrar nas séries decoradas de La Graufesenque do período de Vespasiano-Domiciano, como o indica uma peça idêntica recolhida na cidade de Poitiers (Tilhard, 2004, nº 457:433).

De outro exemplar, apenas se conservou a parte inferior de outra Drag 37 (nº 7). O limite do registo inferior da decoração é formado por uma linha de florzinhas de cinco pétalas, enquadrada por duas linhas onduladas. Sob esta, observa-se a parte dianteira de um cão e a traseira de uma lebre que se dirigem para a direita e que se apresentam de ambos lados de um arbusto (*flabellum*). O limite inferior da decoração é formado por uma linha ondulada e, finalmente, uma linha de estrigilos. Trata-se de um exemplar que pode ser atribuído ao período de Domiciano, ocorrendo uma peça muito semelhante na cidade de Poitiers que ostenta marca intradecorativa do oleiro Mercator (Tilhard, 2004, nº 458:433 e 434). Efectivamente, esta cena de caça “flabelé” foi utilizada em diversas ocasiões por este

oleiro, que desenvolveu a maior parte da actividade em torno aos anos 90 d.C (Mees, 1995:86 e est. 136 nº 2 e est. 137, nº 1-14).

Outro fragmento decorado (**nº 5**) possui o que parece ser igualmente uma composição metopada, sendo apenas visível, no painel central, os membros inferiores de um personagem masculino, visto de perfil voltado para a direita, tendo-se conservado parcialmente, de cada um dos lados deste painel, os caules que formam cruzes de Sto. André e o limite inferior da composição formado por uma grinalda. Tal como as peças anteriores, este exemplar enquadra-se na produção de La Graufesenque das últimas décadas do séc. I d.C. Um exemplar com uma personagem idêntica, integrado no mesmo tipo de composição, encontra-se numa Drag. 37 entre o material recuperado no naufrágio Culip IV, que foi datado entre 78-82 d.C. (Nieto e Puig, 2001, nº 629:465).

A *sigillata* hispânica (**Figura 4**) encontra-se representada por escassos fragmentos que foram identificados como pertencentes à produção do tipo Peñafior. Trata-se de pratos da forma 4 ou 9 da tipologia de S. Keay (2001) (**nº 8**).

Entre a restante *sigillata* hispânica alto imperial, destaca-se os pratos do tipo Drag. 15/17, com o característico fabrico de Andújar (**nº 9 a 12**). Um destes exemplares ostenta, no fundo interno, um grafito M (**nº 11**), e o fundo de um recipiente de forma indeterminada apresenta um X no fundo externo. Infelizmente, as marcas de oleiro encontram-se muito fragmentadas, ou, encontrando-se completas estão quase todas ilegíveis.

Sobressai, neste conjunto, pelas suas características e estado de conservação, um prato Drag. 18 que possui perfil completo e apresenta marca de oleiro e um grafito de Philadespoti no fundo externo (**nº 14**). Trata-se de uma forma que é menos frequente entre a produção hispânica do que na sudgálica, não sendo por isso de estranhar existir apenas este exemplar no conjunto de Pedras d'el Rei. Esta peça possui marca de oleiro onde se lê ITATOX, que pertence, muito possivelmente, à produção do oleiro TAVRVS TITVS de Tricio, na Tarraconense (Beltrán Lloris, 1990:115). Assim, neste exemplar algarvio encontra-se a fórmula que utiliza a abreviatura de EX OF TATI em retrógrado. Este oleiro encontra-se em Juliobriga, Tarraco e Herrera de Pisuerga (Saénz e Sáenz, 1999:127).

Quanto ao grafito, trata-se de um antropónimo grego, possivelmente de um escravo ou liberto

indicando a posse desta peça por parte de um indivíduo dessa categoria. Pela sua forma e características, este prato Drag. 18 poderá datar de meados do séc. I até finais desse século ou mesmo dos inícios da centúria seguinte. O antropónimo grego manifesta uma tendência patente na posterior epigrafia romana algarvia, aspecto amplamente documentado por J. d'Encarnação na sua obra *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis* (IRCP). Segundo o autor, mais do que uma origem no Mediterrâneo oriental, a utilização do cognome de raiz grega deve ser entendido como um hábito cultural, considerando contudo ser arriscado deduzir imediatamente a presença de escravos e libertos através do *tria nonima* sem filiação e o cognome grego (IRCP:765-768). Refere ainda que “Os antropónimos gregos, frequentes em território algarvio, denotam antes o hábito cultural das elites, que, ao atribuírem aos seus libertos estes nomes, pretendiam demonstrar a sua superioridade, dando “um nome sonante, relacionável com divindades, atributos ou ideias, dando mostras, assim – ou pretendendo dar – de uma cultura letrada acima da média (...)” (Encarnação, 2003:154).

Os grafitos de nomes completos inscritos em peças cerâmicas são relativamente raros, encontrando-se no território algarvio outro grafito, numa Drag. 15/17 de terra *sigillata* hispânica proveniente da necrópole do Monte Molião, onde se lê MAVRI o que remete para um indivíduo possivelmente com origem no Norte de África, na Mauritânia, no território actualmente marroquino (Santos, 1971:354, Fig. 144; Arruda, 2007:12).

A maioria da *terra sigillata* enquadra-se nos fabricos de clara C e D, portanto das produções da Bizacena e do Norte da Tunísia (**Figuras 5 a 7**).

Representada por escassos exemplares, o conjunto de *sigillata* clara A é formado por um fragmento do tipo Hayes 8A (fundo) (**nº 15**) e um outro do tipo 9A (bordo) (**nº 16**), genericamente datados do período compreendido entre as últimas décadas do séc. I até à segunda metade desse século. As restantes peças pertencem à forma Hayes 14/17 (**nº 17 a 20**), o que mostra um intensificar destes contactos comerciais entre o Norte da Tunísia e a região algarvia a partir da segunda metade do séc. II, com um claro domínio do fabrico A2. Um padrão de importação idêntico foi observado em *Balsa* e em Faro (Viegas, 2009). Do fabrico A/D, com engobe polido em ambas superfícies, registamos o prato Hayes 31 (**nº 21**)

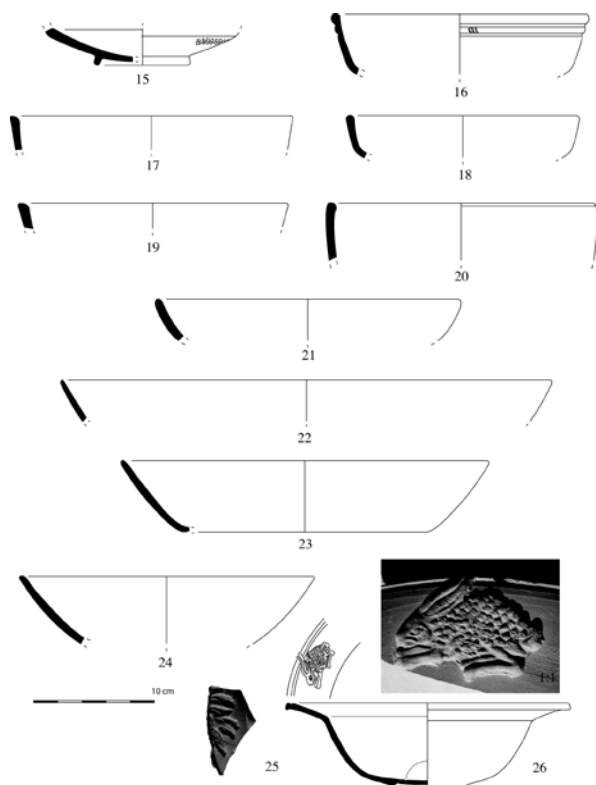


Fig. 5 - Sigillata Clara A (15-20), A/D (21) e C (22-25) de Pedras d'el Rei. (escala 1:3). Fotografias à escala 1:1 aproximada.

proveniente do Centro da Tunísia (?) e datado de inícios /meados do séc. III. Trata-se de uma forma menos comum nos sítios algarvios que corresponde ao modelo que precede a forma Hayes 50.

A *sigillata* clara C (**Figura 5**) produzida na Bizacena no centro da actual Tunísia está presente através da sua forma mais comum, o prato Hayes 50 (nº 22 a 24), encontrando-se ambas variantes A e B, o que mostra que o período de importação se estendeu entre as décadas de 30/40 do séc. III e os inícios do séc. V.

Um exemplar particularmente bem conservado da forma Hayes 52A ostenta a característica decoração aplicada no bordo em aba com a figura de uma lebre (Carandini *et al.*, 1981, Est. LXXXIII, nº 20) (**nº 26**). Igualmente no fabrico C3, com cronologia entre a segunda metade do séc. IV até ao primeiro quartel do séc. V, um reduzido fragmento pode corresponder ao fundo de um

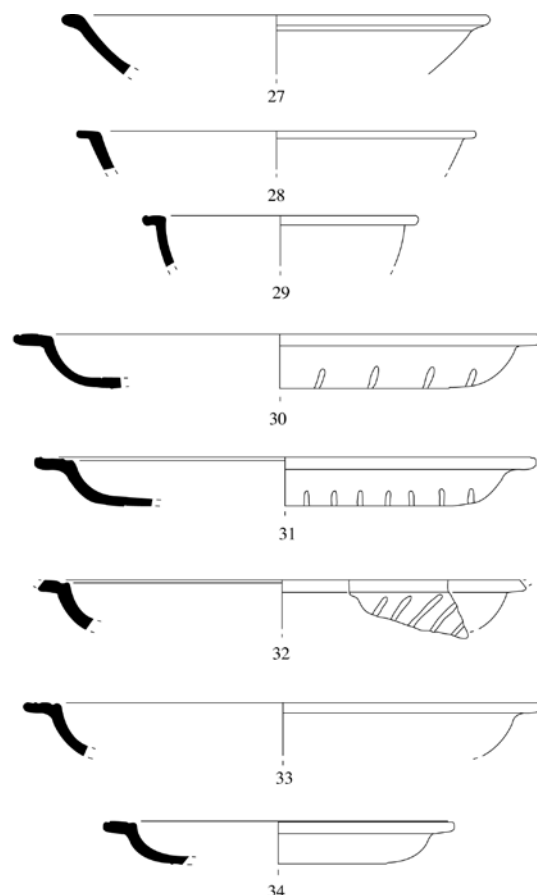


Fig. 6 - *Sigillata* clara D de Pedras d'el Rei, escala 1:3.

prato da forma Hayes 53B (ou Salomonson a), mostrando também decoração aplicada (**nº 25**). Neste caso, apenas se pode observar o que pode ser uma extremidade das barbas da figura que representa o deus Oceano (Carandini *et al.*, 1981, Est. LXXXVIII, nº 25 e 26).

A *sigillata* africana D (**Figuras 6 e 7**) produzida na região de Cartago foi responsável pelo abastecimento a Pedras d'el Reis entre os finais do séc. III e o terceiro quartel do séc. V. Com excepção da forma Hayes 60 (**nº 35**), que é bastante rara, as formas identificadas são das mais comuns nos sítios do actual território português, como sucede com os tipos Hayes 58A (**nº 27 a 29**), 59A (**30 a 32**) e B (**33 e 34**), 61A (**nº 36 a 39**) e 67 (**nº 40 e 41**). Trata-se, de um modo geral, de exemplares de boa qualidade, que conservam engobe fino e homogéneo no interior dos recipientes, portanto do fabrico D1. Colocamos a hipótese da peça nº

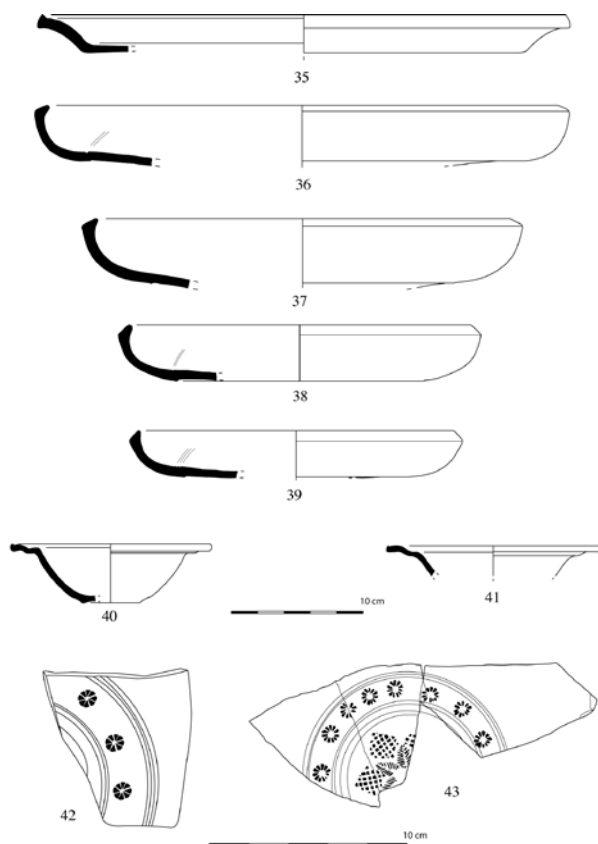


Fig. 7 - Sigillata clara D de Pedras d'el Rei. Formas lisas (1:3) e decoradas (1:2).

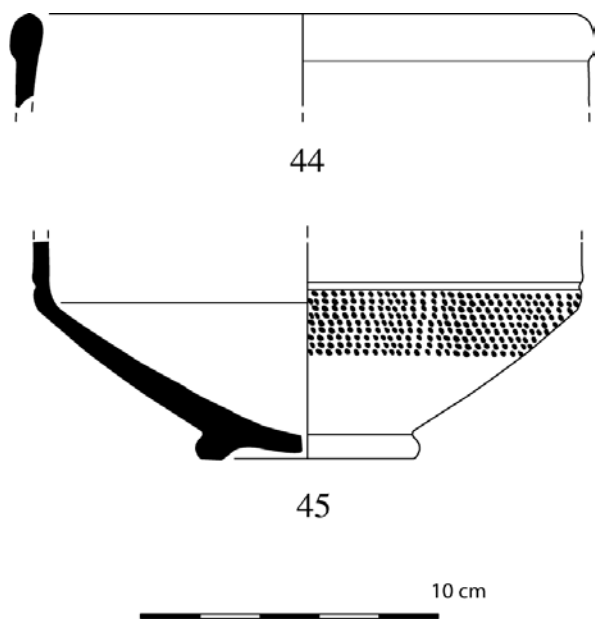


Fig. 8 - Sigillata "luzente", escala 1:3.

PR243 (não ilustrada) pertencer à forma Hayes 77. O exemplar algarvio apenas conservou parte da aba com engobe de boa qualidade na parte superior, encontrando-se muito desgastada a parte inferior, não permitindo observar aí as características do revestimento da peça. Por este motivo (impossibilidade de observação do engobe em toda a peça, não podemos descartar a possibilidade de se tratar igualmente de uma forma Hayes 6A.

Além destas formas estão ainda representados fragmentos decorados. O fundo do prato nº 43 combina as palmetas dispostas radialmente colocadas ao centro, as quadrículas e uma linha de rosetas enquadrada por dois sulcos concêntricos. As palmetas correspondem ao tipo 1a, (Hayes, 1972, Fig. 38:229), as grelhas ("grilled pattern") integram-se no tipo 69b, (Hayes, 1972, Fig. 42:241) e as rosetas de doze pétalas aproximam-se do tipo 44g, (Hayes, 1972, Fig. 41:239). Trata-se de motivos que se podem datar do segundo/terceiro quartel do séc. IV e que se integram no estilo A (ii) - (iii) (Hayes, 1972).

Noutro fragmento (nº 42), é novamente uma linha de rosetas de oito pétalas, enquadrada por sulcos concêntricos, que decora o fundo amplo de um prato, desta vez com impressão mais profunda e mais espaçadas entre si. Os círculos concêntricos, muito frequentes neste estilo A definido por Hayes, encontram-se em dois fragmentos (não ilustrados) correspondentes ao tipo 26e (1972, Fig. 40:235).

Apesar de se encontrar sempre em número reduzido, a sigillata luzente (**Figura 8**) originária da Gália foi identificada em diversos sítios romanos do Algarve, o que indica que a importação de produtos desta origem se fez, ainda que de forma esporádica, entre as últimas décadas do séc. III e os meados do séc. IV ou mesmo os inícios do séc. V (Raynaud, 1993:507-510). A forma Lamb. 1/3 ou Luis. 37 (nº 44 e 45) é a mais frequente em Pedras d'el Rei, à semelhança do que sucede em Faro ou Balsa (Viegas, 2009), mas tem sido possível identificar exemplares de fundos que podem ter pertencido a formas fechadas, séries 60 a 90 do centro produtor de Portout (Pernon e Pernon, 1990).

Entre as produções tardias encontra-se ainda dois fragmentos de sigillata focense tardia com origem no Mediterrâneo oriental cuja cronologia geral se estende de meados do séc. V a meados do séc. VI.

A cerâmica comum

Entre a cerâmica comum encontramos produções bastante diversificadas (**Figura 9, 10 e 11**). De âmbito local/regional com provável origem no Algarve, distinguiram-se dois grandes grupos de fabricos, um formado por argilas alaranjadas e outro de pastas de coloração cinzenta de textura média e grosseira. Entre a cerâmica comum importada estão representadas as produções da vizinha Bética e a cerâmica comum e de cozinha africanas originárias da actual Tunísia.

Será dado maior destaque às importações nesta fase, uma vez que está em curso um projecto de estudo da cerâmica comum de sítios algarvios (Faro, Balsa e Castro Marim), onde haverá oportunidade de desenvolver, mais detalhadamente, o estudo das produções de âmbito local e regional (**Figura 9**). Entre os fabricos de argilas alaranjadas, encontram-se as panelas de diversas variantes: com bordo voltado para o exterior (**nº 47**), com ou sem asas (**nº 46**); os tachos de bordo horizontal (**nº 48 e 49**) e os alguidares, entre outras formas. Em cerâmica cinzenta de textura média ou grosseira, uma produção que se encontra bem identificada sobretudo em Balsa, mas cuja difusão se conhece em todo o Algarve, encontram-se algumas das formas mais características deste fabrico, como a caçoila de bordo escalonado (**nº 51**) e a tampa (**nº 50**).

A cerâmica comum da Bética (**Figura 10**) é constituída por exemplares provenientes da Baía de Cádiz e do Vale do Guadalquivir. Entre as primeiras, estão representadas as formas como pequenas bilhas e outros recipientes para levar líquidos à mesa (**nº 55 a 57**), assim como alguidares (**nº 54**).

Igualmente com origem na província vizinha, destaca-se um conjunto de *dolia/seria* provenientes do vale do Guadalquivir (**nº 52 e 53**) e que apresentam um fabrico em tudo idêntico ao das ânforas do tipo Haltern 70. Um dos exemplares apresenta um grafito pós cozedura onde se lê em caracteres capitais CCL, que poderá corresponder a uma medida de capacidade (250). As inscrições colocadas no ombro dos *dolia* são relativamente frequentes, embora nem sempre encerrem o mesmo significado. Na *villa italiana* de Vittimose (Itália), foram descobertos uma série de seis *dolia* com inscrições, que se encontravam enterrados até ao ombro (Dyson, 1983: 33-36, Fig. 73-81). O estudo realizado permitiu verificar que existe uma

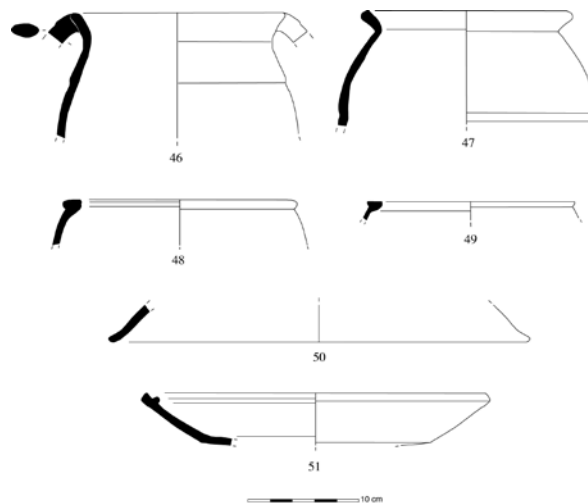


Fig. 9 - Cerâmica comum local/regional. Fabricos alaranjados (45-48) e cinzentos (49/50). Escala 1:3.

primeira série de algarismos que corresponde à numeração seriada dos *dolia*, sendo os restantes seguidos da sigla VRN, a medida da capacidade destes recipientes. Em algumas ocasiões, ocorre igualmente um nome. Trata-se, neste caso particular, de indicar a capacidade em *urna* (unidade de medida romana que equivale a cerca de 13 litros) destes recipientes, no que foi considerado como uma rara manifestação do sistema de “contabilidade” romano e da organização agrícola na Itália rural (Dyson, 1983:36).

Recorde-se que a função principal dos *dolia* seria permanecerem parcialmente enterrados no subsolo de compartimentos da casa destinados ao armazenamento de produtos alimentares. Contudo, conhecem-se alguns casos em que os *dolia* foram utilizados no transporte marítimo de produtos alimentares com função idêntica à das ânforas, como o testemunha a sua presença em numerosos naufrágios (Parker, 1992). No entanto, este contentor que não teve tanto sucesso como as ânforas, centrando-se a sua utilização sobretudo no período Alto Imperial, existindo uma clara associação do transporte de *dolia* e ânforas que transportaram vinho (Parker, 1992:163 e 187). Os *dolia* de grandes dimensões, que por vezes podem ter atingido uma capacidade de 3000 litros, foram utilizados na comercialização do vinho da região da actual Catalunha para regiões como a Gália ou a Península Itálica a partir do séc. II d.C., como se encontra atestado no contexto de naufrágios (Pujol,

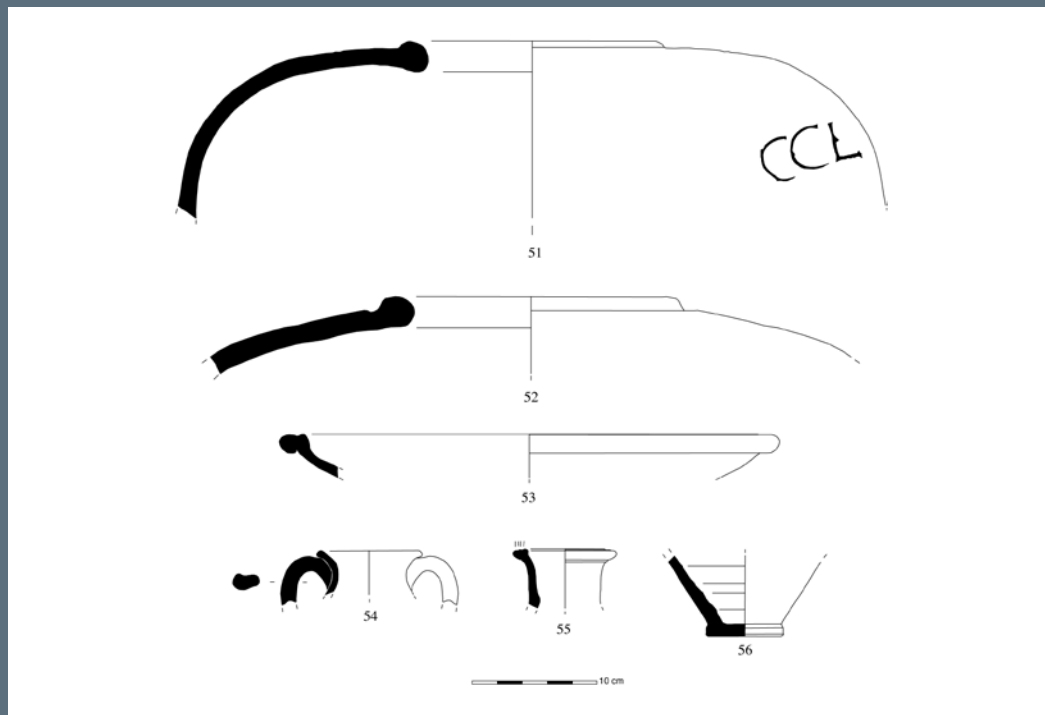


Fig. 10 - Cerâmica comum da Bética, escala 1:3, excepto 51 e 52 (escala 1:4)

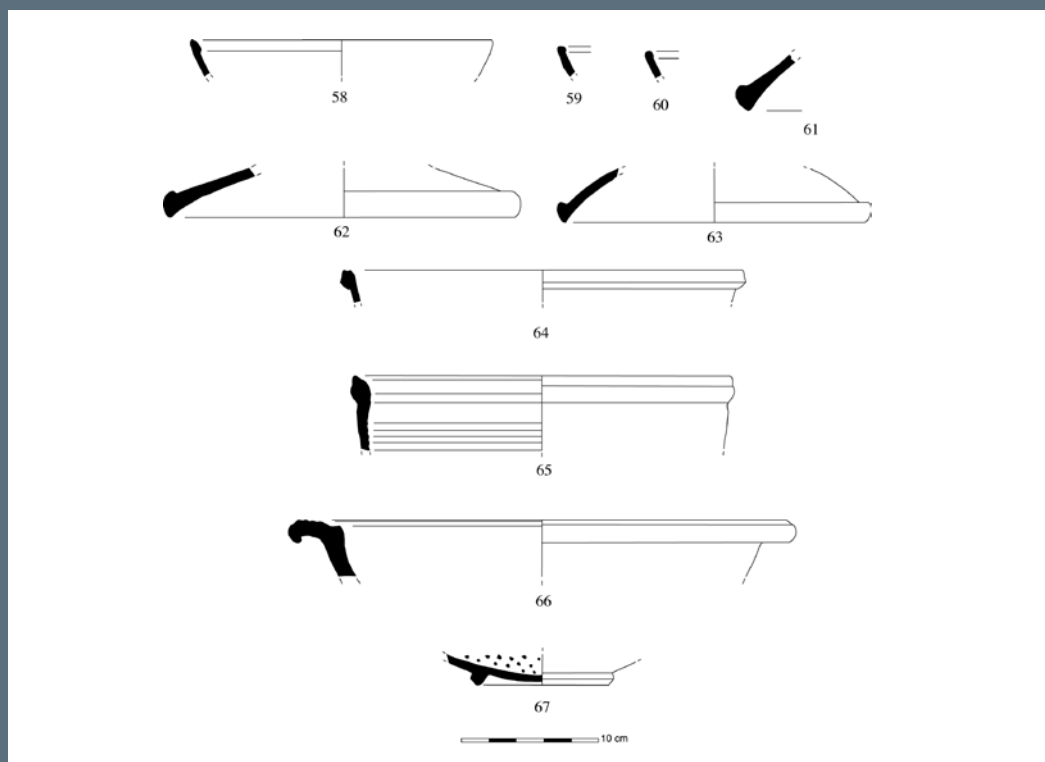


Fig. 11 - Cerâmica de cozinha africana (57-64) e cerâmica comum africana (65-66), escala 1:3.

1997:51-57). É possível que se tratasse de vinho de pior qualidade, transportado em verdadeiros barcos-cisterna, enquanto o restante seria transportado em ânforas.

Estes recipientes tipo *dolia* encontram-se igualmente em áreas urbanas como Faro, Balsa e Castro Marim, mas também noutros sítios como na Manta Rota, local onde se produziu ânforas (Viegas, 2006).

A cerâmica comum com origem no Norte de África encontra-se representada por exemplares de cerâmica de cozinha com origem em diferentes regiões da actual Tunísia (Bonifay, 2004) (**Figura 11**). Da produção A, com engobe interno, aparentada à da *sigillata* clara ocorre apenas a forma Hayes 23 B, datada desde meados do séc. I até aos inícios do séc. IV (Bonifay, 2004:211) (**nº 58 a 60**). A tampa da forma Hayes 182 (**nº 61 a 63**) pertence à produções B, identificada pelo característico enegrecido no exterior do bordo, e foi integrada na variante C datada por Bonifay do fim, do séc. II (?) – séc. III (2004:217). A produção C/A, possivelmente originária do Norte da Tunísia está representada pelo tacho Hayes 197 (**nº 64 e 65**) (embora a peça nº 65 apresente características de fabrico algo diferentes do que é habitualmente descrito) e pela tampa Hayes 196 (não ilustrada). Apesar de poderem permanecer algumas dúvidas, tudo aponta para que o fundo do almofariz (**nº 67**) corresponda igualmente a uma produção de cerâmica comum tunisina. Apresenta um fabrico de tons claros, sendo os reduzidos fragmentos de escória de ferro a servir de pedras no seu interior para fazer de atrito. Trata-se do almofariz com bordo em aba canelada, datado do fim do séc. IV (Bonifay, 2004, Tipo 10:252), cujo bordo foi igualmente identificado (**nº 66**).

As ânforas

Apesar de não se tratar de um conjunto muito numeroso, o que limita as observações que se podem fazer acerca da importação de produtos alimentares em Pedras d'el Rei, sobretudo ao nível da quantificação, o estudo do conjunto anfórico permitiu reconhecer que são diversas as províncias que abasteceram este sítio (**Figura 12 e 13**). Assim, relativamente a todo o período de ocupação foi possível reconhecer produções oriundas da Bética, da Gália, do Norte de África, assim como produções locais/regionais lusitanas.

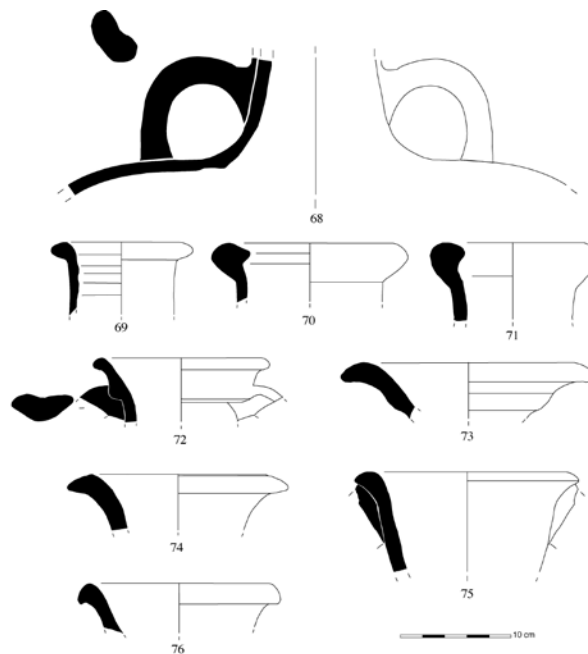


Fig. 12 - Ânforas alto imperiais de Pedras d'el Rei, escala 1:3.

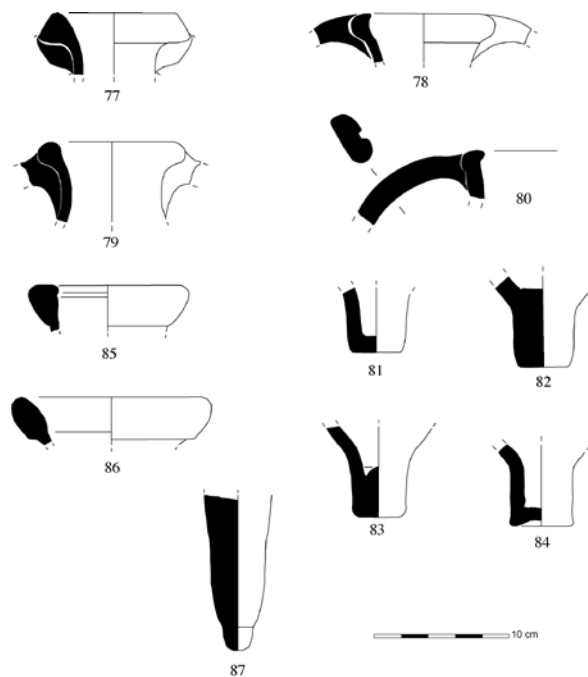


Fig. 13 - Ânforas do Baixo Império de Pedras d'el Rei, escala 1:3.

Durante o Alto Império a maior parte das importações teve origem na Bética, província que foi responsável pelo abastecimento de vinho através de ânforas Dressel 2/4 (**nº 69**) e Haltern 70. Destas últimas apenas se conservaram fundos (não ilustrados). A presença de dois exemplares de Dressel 20 da variante II, datada entre 50 e 80 d.C. (**nº 70 e 71**) (Berni, 2007), mostra que a importação de azeite oriundo do vale do Guadalquivir foi uma realidade. A maioria das ânforas, nesta fase, transportaram preparados piscícolas, tendo sido utilizadas Dressel 7/11 (**nº 72 e 73**) e Beltrán IIB (**nº 74 a 76**), provenientes da Baía de Cádiz. As produções lusitanas não estão presentes, o que não se estranha uma vez que, mesmo em conjuntos mais numerosos como em Faro ou em *Balsa*, as Dressel 14 encontram-se ausentes ou são muito escassas (Viegas, 2009). O consumo de vinho da Gália está igualmente documentado em Pedras d'el Rei por um fragmento de colo e asa (**nº 68**).

Durante o Baixo-Império, apenas uma ânfora se pode integrar nas produções provenientes da vizinha Bética da forma Almagro 51 c (**nº 79**), o que não corresponde à situação que encontramos no estudo dos contextos urbanos a que já aludimos, onde cerca de um terço das ânforas tem origem nesta província. As importações lusitanas ganham peso assim como as norte africanas, oriundas da actual Tunísia, aspecto que reflecte a mesma situação que se encontrou em Faro ou *Balsa* (Viegas, 2009).

Entre as ânforas lusitanas, estão presentes exemplares do tipo Almagro 51c quer da variante a/b quer da c (**nº 77, 78, 80 a 84**), a forma mais comum entre as que transportaram preparados piscícolas.

As ânforas norte africanas encontram-se representadas pela forma Africana I C ("tipo Africano pequeno"), (**nº 85**) que M. Bonifay considerou como uma variante tardia, apontando uma cronologia da segunda metade do séc. III – séc. IV (Bonifay, 2004:107). Trata-se de uma ânfora que transportou azeite. Outro bordo integra-se na forma Africana IIA (**nº 86**), possivelmente da variante A3 de M. Bonifay, cuja cronologia se centra em meados ou na segunda metade do séc. III (Bonifay, 2004: 111). O fundo **nº 87** pode ter pertencido a um destes grandes contentores cilíndricos, como o tipo Africana IIC variante C1, datada de meados do séc. III, inícios do séc. IV (Bonifay, 2004:115). Relativamente às ânforas IIA e IIC, inicialmente indicadas como tendo transportado produtos oleícolas, actualmente são avançadas propostas no sentido de se considerar o vinho e/ou os preparados piscícolas como o produto transportado (Bonifay, 2004).

Considerações Finais

A questão sobre se Pedras d'el Rei teria sido ou não uma *villa* surge pela mão de J. de Alarcão. No seu estudo sobre "A cidade de Balsa", que serve de introdução à obra de J. Nolen sobre cerâmicas e vidros de Torre de Ares, questiona-se sobre se o cemitério de Arroio seria uma necrópole urbana de *Balsa* ou de alguma *villa* suburbana, e coloca a questão: "O mesmo se poderá dizer do sítio de Pedras d'el Rei: será *villa* ou ainda integrante de Balsa?" (Alarcão, 1994:1).

Toda a vertente costeira algarvia possui uma elevada densidade de vestígios arqueológicos do período romano, designadamente neste troço situado entre Tavira, Santa Luzia e Olhão, aspecto que vários autores do séc. XIX e XX reconheceram e testemunharam (Cardoso e Gonçalves, 2006; Rocha, 1896: 79; Aragão, 1896:55 – 57; Santos, 1971; 1972).

Como destacou V. Mantas, o litoral estruturou toda a região, constituindo a via romana, que ligava *Ossonoba* a *Baesuris* passando por *Balsa* (Mantas, 1990), um elemento também fortemente condicionador do tipo de povoamento que ali se desenvolveu.

Os limites dos diferentes sítios romanos conhecidos são difíceis de estabelecer, não só pela natureza das descobertas e pela antiguidade das referências, mas também pelo facto de não existirem escavações sistemáticas na área (**Figura 1**). Relativamente à cidade de *Balsa*, por exemplo, não é fácil indicar os limites da área urbana. Esta devia estender-se desde a Quinta do Pinheiro (local onde se identificaram sepulturas), que poderia constituir o limite ocidental da *urbs*, sendo que as estruturas urbanas englobavam a área das Quinta de Torre de Ares e da antiga Quinta das Antas. A necrópole identificada na Quinta do Arroio pode constituir o limite oriental da cidade, sítio onde foram recolhidas inscrições funerárias e que foi objecto de trabalhos arqueológicos por parte de T. de Aragão em 1868 (Aragão, 1868) e de Estácio da Veiga em 1877 (Santos, 1972:323). Assim, de acordo com as informações disponíveis, a *villa* de Pedras d'el Rei devia localizar-se perto da via que ligava *Balsa* a *Baesuris* (Alarcão, 1988; Mantas, 1997).

Parece possível defender que a *villa*, localizada junto de solos férteis, desenvolvesse uma estratégia de exploração agrícola, não se excluindo a possibilidade de existir igualmente a exploração de

preparados piscícolas que a existência de um tanque no local, faz supôr. Dada a inexistência de trabalhos arqueológicos que permitam caracterizar melhor as estruturas de produção, torna-se difícil reconhecer qual a capacidade produtiva instalada. Contudo, o azeite poderá ter sido um dos produtos explorados à semelhança do que sucedeu em Milreu (Teichner, 2009) e que a existência de oliveiras centenárias no local permite supôr.

Integrada no território da *civitas* de *Balsa*, do ponto de vista cronológico o sítio conhece o arranque na segunda metade do séc. I, mostrando que foi nesta fase que se deu início à organização da exploração económica mais intensiva desta região, por parte das populações romanas. Sem epigrafia funerária conhecida, poucos elementos sobreviveram que possam indicar qual seria a constituição da população. Contudo, a existência de um antropónimo grego, esgrafitado no fundo externo de um prato de *sigillata* hispânica, confirma, também para este local, a presença dos elementos mais dinâmicos da sociedade hispânica.

O padrão de consumo nesta *villa* de Pedras d'el Rei não se afasta do que foi observado para os centros urbanos costeiros do Algarve oriental e central, sobretudo *Balsa* e Faro, quer no que se refere às cerâmicas finas de mesa, quer relativamente aos produtos alimentares transportados em ânforas. Verifica-se também que parte muito significativa dos materiais estudados correspondem a importações que chegaram à *villa* durante o Baixo-império, o que vai ao encontro do perfil de importação que caracteriza estes estabelecimentos rurais. A existência de estruturas portuárias que se encontravam ainda parcialmente conservadas no século passado, mostram que o abastecimento a estas *villae* costeiras se fez preferencialmente por via marítima, através de um sistema de cabotagem que a facilidade de acesso à costa possibilita. Das restantes estruturas da *pars urbana* da *villa* quase nada sabemos. Os fragmentos de mosaico conservados no MNA remetem para uma clara influência norte africana patente no sistema decorativo do pavimento. A existência de fragmentos de mármore de diferentes formas indicam que o *opus*

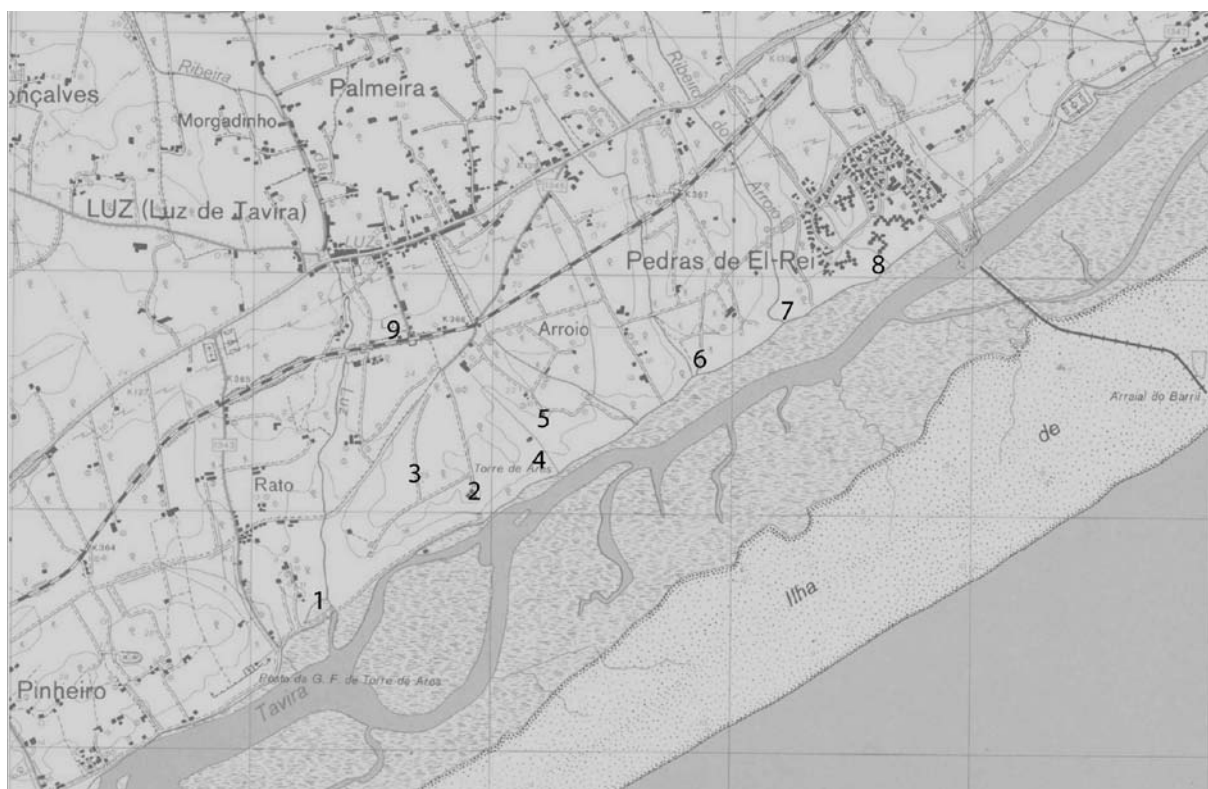


Fig. 1 - Localização aproximada dos sítios mencionados no texto. 1 - Possível estrutura portuária de Balsa, segundo Mantas (2004, Fig. 11, p. 405); 2 - Casa principal da Quinta de Torre de Ares (Forum ?); 3 - Necrópole Norte de Balsa, 4 - Intervenção de 1977 na Qta de Torre de Ares; 5 - Estruturas identificadas por Estácio da Veiga (habitação/termas?); 6 - Quinta das Antas (cetárias); 7 - Arroio. Necrópole (?); 8 - Pedras d'El Rei; 9 - Horta do Ramos (mosaico).

sectile estaria igualmente presente no revestimento de alguns pavimentos. Além destes materiais, conservam-se ainda no Centro de Arqueologia elementos de revestimento de paredes ou pavimento como de friso em mármore, e fragmentos de estuque pintado (amarelo, negro e vermelho pompeiano), que apenas deixam adivinhar algumas das características da decoração da *villa*.

Por outro lado, o conjunto de *terra sigillata* remete para um intensificar das importações norte africanas, centrado sobretudo no séc. IV, como mostra a abundância da *sigillata* clara C e D. Apesar destas importações se manterem até aos meados /terceiro quartel do séc. V, o seu volume é mais reduzido indicando um abandono desta área nessa data.

Agradecimentos

O estudo dos materiais de Pedras d'el Rei só foi possível graças à autorização concedida pelo Director da UNIARQ, Doutor Victor Gonçalves. Agradecemos também todo o apoio concedido pela Câmara Municipal de Tavira, em particular aos Drs. Carlos Toscano, Sandra Cavaco e Marco Lopes, pela proposta para a realização do "Projecto para o estudo e publicação dos materiais arqueológicos de Torre d'Aires e Pedras d'el Rei", que contou igualmente com o apoio da Rede Portuguesa de Museus (IPM).

Bibliografia

Alarcão, J. de (1988) - *Roman Portugal*. Gazetteer. 6. Évora, 7. Lagos, 8. Faro. Vol. II, fasc. 3. Warminster: Aris & Philips Lda.

Aragão, A. C. T. de (1896) - Antiquidades de Balsa. In *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1. 2, pp. 55-57.

Arruda, A. M. (2007) - Laccobriga e o seu território. A ocupação romana na baía de Lagos. In Catálogo da Exposição: *Laccobriga, A ocupação romana na baía de Lagos*. Lagos: Câmara Municipal, pp. 7-47.

Beltrán Lloris, M. (1990) - *Guía de la Cerámica Romana*. Zaragoza: Libros Pórtico.

Berni Millet, P. (2007) - *Análisis y estructuración de los sellos en ánforas olearias de la Bética*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Barcelona.

Bonifay, M. (2004a) - *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique*. Oxford: BAR Int. series 1301.

Carandini, A., Tortorella, S., Saguì, L., Tortorici, E. (1981) - *Ceramica Africana*. In *Atlante delle forme ceramiche I*. Enciclopedia dell'Arte antica e orientale. Roma, pp. 9-141.

Cardoso, J. L. e Gonçalves, M. J. (coords.) (2006) - *Antiguidades monumentaes do Algarve: tempos pré-históricos: Paleoethnologia*, volume V, de S. P. M. E. da VEIGA. Silves: Câmara Municipal de Silves e Museu Nacional de Arqueologia.

Dyson, S.L. (1983) - *The Roman villas of Buccino*. Wesleyan University Excavation in Buccino, Italy 1969-1972. BAR Inter series, 187.

Encarnação, J. d' (2003b) - Sobre epigrafia romana do Algarve. *Xelb.Silves*. 4, pp. 151-160.

Genin, M. ; Schenk-David, J.-L. (2007) - Les Timbres, in Genin, M. *et all.* - *La Graufesenque (Millau, Aveyron)*, vol II. Les sigillées lises et autres productions, Santander-Cantabria: Éditions de la Fédération Aquitania/Études d'Archéologie urbaine.

Hayes, J. W. (1972) - *Late Roman pottery*. The British School at Rome. Londres.

IRCP = Encarnação, J. d' (1984) - *Inscrições romanas do conventus pacensis: subsídios para o estudo da romanização*, 2 vols. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Keay, S. (2001) - Regionally Produced Terra Sigillata. Terra Sigillata Local. In KEAY, S., Creighton, J. e Remesal Rodríguez, J. - *Celti (Peñaflor) - La Arqueología de una ciudad hispanorromana en la Baetica: Prospecciones y Excavaciones 1987-1992*. Arqueología Monografías Junta de Andalucía.

Mantas, V. (1997) - Os caminhos da serra e do mar. In Barata, F. e Parreira, R. (coord.) - *Noventa séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, pp. 311-325.

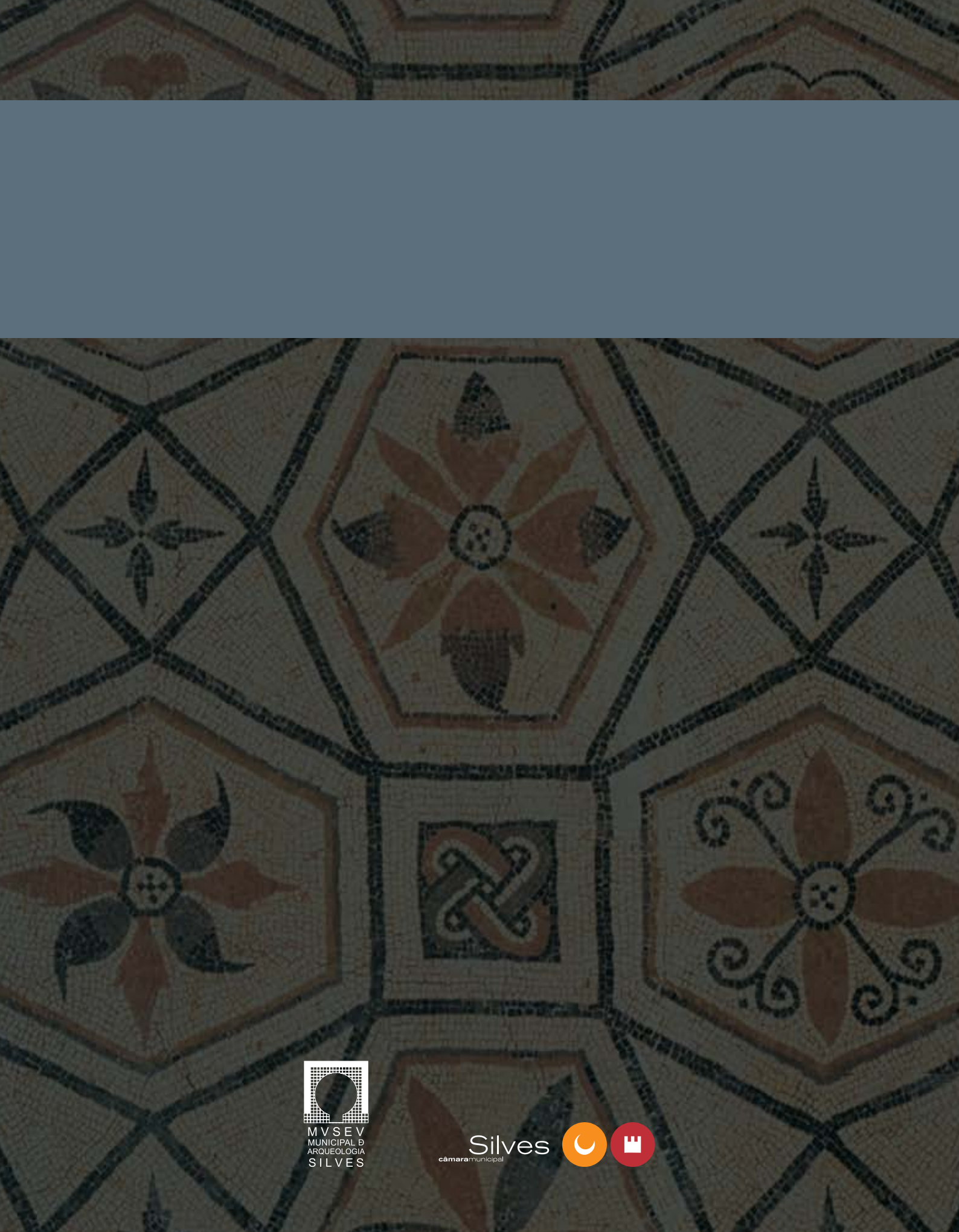
Mantas, V. (2004) - Vias e portos na Lusitânia romana", in J-G. Gorges; Cerrillo, E.; Nogales, T. (eds.) *V Mesa Redonda Internacional sobre Lusitania Romana: Las Comunicaciones, (Cáceres, 2002)*. Madrid: Ministerio de la Cultura, pp. 427-453.

Marques, M. T. (coord.), Araújo, A. C., Faria, A. M., Nuno. C. S., Pinheiro, D. P. e Lourenço, F. S. (1995) - *Carta Arqueológica de Portugal, concelhos de Faro, Olhão, Tavira, Vila Real de Santo António, Castro Marim e Alcoutim*. Lisboa: SEC/IPPAR.

Mees, A. (1995) - Modellsignierte Dekorationen auf sudgallischer terra sigillata, Stuttgart: Theiss.

Nogales Bassarate, T. (2003) - s. v. nº 87-88. In

- MAIA, M. et al. (coords.) – *Tavira; Território e poder*, (Catálogo da Exposição). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Câmara Municipal de Tavira, pp. 265.
- Nieto**, X. e Puig, A. M. (2001) - *Excavacions arqueològiques subaquàtiques a la Cala Culip. 3. Culip IV: la Terra sigil.lata decorada de La Graufesenque*. Monografies del Casc 3. Girona, Museu de Arqueologia de Catalunya.
- Oliveira**, C. e Viegas, C. (no prelo) - Corpus des Mosaiques Romaines du Portugal: discussion des questions stylistiques et chronologiques des mosaïques de l'Algarve Oriental. In *X Coloquio Internacional da AIEMA* (Conimbriga, Outubro de 2005).
- Parker**, A.J. (1992) – Ancient Shipwrecks of the Mediterranean & the Roman Provinces. BAR Inter series, 580.
- Pernon**, J. e Pernon, C. (1990) - Les potiers de Portout. In *Revue archéologique de narbonnaise*, Supplément au numéro 20.
- Polak**, M. (2000) - *South Gaulish Terra sigillata with potter's stamps from Vechten*. Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta – Supplementum 9. Nijmegen.
- Pujol Puigvehí**, A. (1997) – La introducción y comercialización del vino en el nordeste de la Península Ibérica, in *Anas*, 10, pp. 51-58,
- Roca Roumens**, M. e Fernández García, M. I. (Eds.) (1999) - *Terra sigillata Hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Homenaje a M^a Ángeles Mezquíriz, Universidad de Jaén/Universidad de Málaga.
- Rocha**, A. dos S. (1896) - Notícia de algumas estações romanas e arabes do Algarve. In *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 2, pp. 65-79.
- Santos**, M. L. E. da V. A. dos (1971) - *Arqueologia Romana do Algarve*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1 vol. Lisboa.
- Santos**, M. L. E. da V. A. dos (1972) - *Arqueologia Romana do Algarve*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2 vol. Lisboa.
- Sáenz**, M.P.; Sáenz, C. (1999) - Estado de la Cuestión de los Alfares Riojanos: La terra sigillata Hispánica Altoimperial in Roca Roumens, M. e Fernández García, M. I. (Eds.) (1999) - *Terra sigillata Hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Homenaje a M^a Ángeles Mezquíriz, Universidad de Jaén/Universidad de Málaga, p. 61-136.
- Tilhard**, J.-L. (2004) – *Les céramiques sigillées du Haut-Empire à Poitiers d'après les estampilles et les décors moulés*. Suppl. 2 SFECAG.
- Raynaud**, C. (1993), Céramique luisante, in Py, M. (ed.) *Lattara. Dicocer – Dictionnaire des Céramiques Antiques (Vils av.n. e – Vils de n.e.) en Méditerranée nord-occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdan)* – Lattes, 6, pp. 504-510.
- Viana**, A. (1952) - Balsa y la Necropolis romana de As Pedras d'El-rei. In *Archivo Español de Archeologia*, vol. XXV. Inst. Arq. e Pré-História "Rodrigo Carro". Madrid, pp. 261-285.
- Viegas**, C. (2006) - O Forno romano da Manta Rota (Algarve). In *Simpósio Internacional "Produção e comércio de Preparados Piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica – Homenagem a Françoise Mayet*. (Setúbal 7-9 Maio 2004), pp. 177-196.
- Viegas**, C. (2009) – A ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano, dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa. Policopiado. (Disponível online no Repositório da Universidade de Lisboa).



Silves
câmara municipal

